

SEÇÃO ARTIGOS

**Espaço Sexual:
uma geografia do foder**

**Sexual Space:
a fucking geography**

**Espacio Sexual:
una geografía del follor**

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v11i24.59115>

 [Jahan Natanael Domingos Lopes](#)¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
São Paulo, Brasil
e-mail: jahan_natanael@hotmail.com

Resumo

Em abertura da geografia do foder, elaborou-se uma abordagem ontológica à foda geográfica. Constitui-se, para tanto, em vista fenomenológica, o sentido do sexo (o evento) e da foda (a intenção). Por mais, discute-se a Terra e o Mundo rumo aos territórios do sexo e às sexualidades do território. Dessarte, lança-se à Antiguidade com Hesíodo (séc. VII a.C.) para a cosmologia do foder geográfico: entre Gaia (Terra) e Urano (Céu), tem-se a interrupção do coito por Cronos (Tempo) irrompendo o desejo sexual – entre a transa, positiva e a trepa, negativa. Guia-se, então, à discussão filosófica, entre Sade e Sacher-Masoch (iluminismo obscuro) contra Kant (iluminismo conservador), para a constituição do território sádico (pelas dominações) e do território masoquista (pelas apropriações). Ademais, encontra-se a perversidade da globalização pelo sistema da foda global: do território (enraizador) e do mercado global (desenraizador); intensificada pelo ciberespaço. Alia-se, por fim, uma geografia foda ao geoesistencial.

Palavras-chave

Pensamento geográfico, Geografia existencial, Desejo, Sexo.

¹ Graduando na licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024. Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

In the opening of the fucking geography, an ontological approach to geographical fucking was elaborated. To this end, from phenomenology, the sense of sex (the event) and of fuck (the intention) is constituted. Moreover, the Earth and the World are discussed in the direction of the territories of sex for the sexualities of the territory. From there, he launched himself into Antiquity with Hesiod (c. VII B.C.) for the cosmology of geographical fucking: between Gaia (Earth) and Uranus (Heaven), there is the interruption of coitus by Kronos (Time) erupting the sexual desire – between have sex, positive, and fuck, negative. To the philosophical discussion, between Sade and Sacher-Masoch (obscure enlightenment) against Kant (conservative enlightenment), for the constitution of the sadistic territory (by the dominations) and the masochistic territory (by the appropriations). Moreover, the perversity of globalization by the system of the global fuck: of the territory (rooter) and the global market (uprooter); intensified by cyberspace. Finally, a fuck geography is combined with the geoexistential.

Keywords

Geographical thinking, Existential Geography, Desire, Sex.

Resumen

En la apertura de la geografía del follar, se elaboró un abordaje ontológico al follar geográfico. Por lo tanto, en una visión fenomenológica, se constituye el sentido del sexo (el evento) y de la folla (la intención). Además, se discute la Tierra y el Mundo rumbo a los territorios del sexo y a las sexualidades del territorio. A partir de ahí, se lanza a la Antigüedad con Hesíodo (VII a.C.) para la cosmología del follar geográfico: entre Gea (Tierra) y Urano (Cielo), existe la interrupción del coito por Cronos (Tiempo) que hace erupción del deseo sexual – entre la folla, positiva y la montada, negativa. Se guía, a la discusión filosófica, entre Sade y Sacher-Masoch (ilustración oscura) contra Kant (Ilustración conservadora) para la constitución del territorio sádico (por las dominaciones) y del territorio masoquista (por las apropiaciones). Así mismo, se encuentra la perversidad de la globalización por parte del sistema de la folla global: del territorio (arraigador) y del mercado global (desarraigador); intensificado por el ciberespacio. Finalmente, una geografía follada se combina con lo geoexistencial.

Palabras clave

Pensamiento geográfico, Geografía existencial, Deseo, Sexo.

Introdução

Melhor seria definir a filosofia, como a praticava Platão, como uma espécie de palestra erótica, que continha e aprofundava a antiga ginástica agonal com todas as condições que a precediam... O que é que resultou, em última análise, desse erotismo filosófico de Platão? Uma nova forma da arte do Agon grego, a dialética.

(Nietzsche, 2020, p. 67)

A compreensão geográfica do sexo permite uma abertura que transpassa desde os lugares eróticos até o erotismo terreno. De modo a situar o evento sexual, abre-se, de modo poético, a perspectiva versificada por C. Andrade (2013, p. 27): “O chão é cama para o amor urgente, / amor que não espera ir para a cama. / Sobre o tapete ou duro piso, a gente / compõe de corpo e corpo a úmida trama.” Nisso, um entrelaçamento dos corpos em suas correlações situa uma atividade sexual de espacialidade polimorfa. Dessarte, ao discurso geográfico da sexualidade, cerceia A. Frémont (1999, p. 91): “Sexo, desejo? O geógrafo hesitará muito antes de afirmá-lo. Mas podemos negar a realidade desses dois modelos e o antagonismo dos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

comportamentos em relação ao espaço que eles traduzem”². Tal interdição aniquila o estudo de uma geografia erótica advinda dos desejos sexuais: com ênfase às parafilias, dentre elas a agorafilia (prazer por lugares abertos) e a claustrofilia (prazer por lugares fechados) (Lopes 2023). Além disso, pode-se ignorar como o sexo convoca lugares circunscritos, por vezes secretos, da cama conjugal até motéis em vista mercadológica dos espaços de coito. Todavia, ao revés do silêncio, trama-se, através do conceito de desejo, a abertura geográfica sobre o sexo, atenta a fetiches e a perversões.

Atrelado ao pensamento de uma geografia do sexo, há a relação político-social a partir do tabu perante a possibilidade de uma geografia do foder. Isto é, em diferenciação tem-se o sexo enquanto evento erótico e o foder enquanto intenção erótica. Associa-se o conceito de foder geográfico para com o geógrafo inglês D. Bell (2009) em seu trabalho “Fucking Geography” (traduz-se livremente: geografia do foder), encaminhado para um evento da Associação Americana de Geógrafos (AAG) de 1994, cujo título foi questionado a ponto de o trabalho ser recusado, considerado ultrajante. Sua explicação para o uso do termo, em uma entrevista para J. Silva *et* P. Vieira (2010, p. 319), foi qualificar: “‘fucking’ tanto como verbo como adjetivo, sinalizando um desejo de foder (com) a geografia e, por outro lado, a exasperação com a disciplina”. Dito isso, o autor faz menção à inspiração proveniente de um desenho de Tom of Finland, um dos artistas finlandeses mais conhecidos do mundo, sobretudo por suas obras relacionadas à sexualidade, marcadamente homoerótica. Essa obra, simultaneamente inspiradora e impactante, é um desenho monocromático feito com grafite, como se observa na Figura 1 muito provocativa e pertinente à concepção dual do foder: negativo e positivo.

A imagem clama por uma reflexão, todavia precedida por um atento, a conotação sexual possui uma singela desconstrução, a saber, como diz C. Lehmann (2015, s/p) sobre o artista pornográfico: “Certa vez, ele jurou: ‘Meus homens seriam homens orgulhosos e felizes’. Os pênis de seus jovens são gigantescos, mas geralmente seus sorrisos bem-humorados são maiores”. Assim, marca-se um artista transgressor da cultura heteronormativa, ademais, contra a cultura conservadora, sobretudo no estigma religioso cristão ao qual o sexo

² Tradução livre de : “*Sexe, désir ? Le géographe hésitera longtemps avant de l'affirmer. Mais peut-on nier la réalité de ces deux modèles et l'antagonisme des comportements par rapport à l'espace qu'ils traduisent*”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



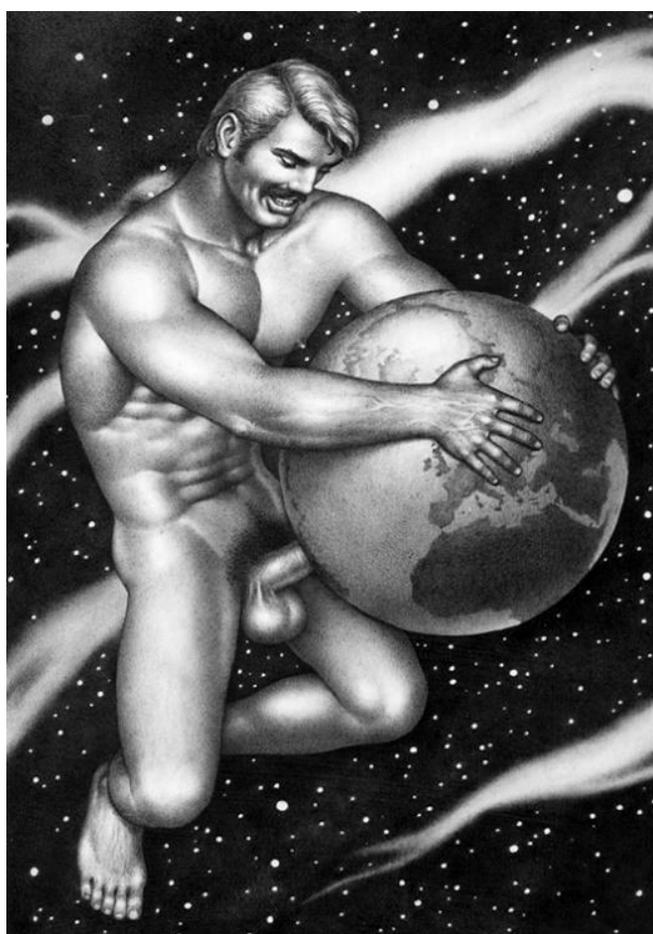
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

com intenção de prazer é entendido como pecaminoso. Dessa maneira, ao sentido geográfico da liberdade sexual atenta-se: “estereótipos de gênero e estigmas específicos resultam das desigualdades sociais e contribuem para produzir normas e prescrições de conduta, com impactos na saúde” (Villela; Monteiro, 2015, p. 537). Geograficamente, sua obra do homem musculoso, nórdico, penetrando o planeta está aberta para interpretações tanto benévolas quanto maléficas. Esse paradoxo é a fundamentação ontológica do foder geográfico.

Figura 1 – Sem título



Fonte: Lehmann (2015, página única).

Tom of Finland (Touko Laaksonen, finlandês, 1920 - 1991), sem título, grafite no papel, 12” x 9”, presente do artista, coleção permanente da Fundação Tom of Finland, 1976.

Guia-se pensá-la, também, como uma ilustração proeminente à precisão do indicativo de experiência dito geograficidade. O modo de ser geográfico exerce relações de prazer e de dor, ambas compreensivas como sentidos para o foder geográfico. Com isso, alude-se à

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

definição construída por E. Dardel (2011, p. 1, destaque do autor) deseja por “uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. [...] Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade*”. Isso implica o aspecto de cumplicidade existencial do homem com a Terra, em relações de vivência e de habitação. Essa indissociabilidade permite entender uma humanidade que fode feliz a Terra, em uma *geograficidade* ilustradora da sexualidade.

Habitar a Terra, dos elevadores aos telhados, aflora a espacialidade sexual no fundamento da existência geográfica. Além do sexo normativo, encontra-se toda a complexidade de revolta sexual displicente com o *status quo*. Desse modo, averigua-se, aos horizontes de M. Santos *et* M. Silveira (2011, p. 97), em que “uma boa parcela da humanidade, por desinteresse ou incapacidade, não é mais capaz de obedecer a leis, normas, regras, mandamentos, costumes derivados dessa racionalidade hegemônica. Daí a proliferação de ‘ilegais’, ‘irregulares’, ‘informais’”. Há, por conseguinte, fodas em todos os lugares possíveis de oferecer a libertinagem suficiente ao clamor da libido geográfica. Ao prumo que se enaltece a excitação — sentida corporalmente — dos geógrafos:

Muito já foi escrito e mais ainda foi dito sobre a natureza da geografia; muito pouco sobre a natureza dos geógrafos. Se pudéssemos submeter alguns colegas representativos a uma psicanálise geográfica, tenho certeza que frequentemente desvendariamos a libido geográfica como sendo muito mais uma sensibilidade estética do que impressões de uma montanha, deserto, ou cidade como um desejo intelectual de resolver objetivamente os problemas que tais ambientes apresentam (Wright, 2014, p. 12).

O foder geográfico em sua dialética convoca o paradoxo existencial, há a *geograficidade* em libido de prazer e a *geograficidade* em libido de dor. Firma-se, portanto, a possibilidade de conferir um foder a Terra por deleitar-se com suas magníficas aberturas: o prazer para com as belezas naturais e para com a vastidão de lugares passíveis para o gozo; e, por outro lado, um foder a Terra destruidor para com os meios ambientes e, inclusive, para com a segregação dos horizontes dos desejos sexuais. Versa-se, logo, tanto às afetividades quanto às perversidades; fode-se em aproximação da natureza ou fode-se em afastamento da natureza. O homem é um animal que fode (*homo futuere*). Ademais, fode a Terra e fode o Mundo, tanto ao seu deleite quanto à sua derrocada existencial. Em vista de uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, n° 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

fenomenologia do foder, posição que axiologicamente permite um conluio paradoxal entre o positivo e o negativo, ao sentido geográfico, orienta-se o percurso a ser compreendido.

Nesse incurso, dirige-se a uma pertinente perspectiva política que medeia a orientação do sexo à sociedade, para qual: “Nós não só temos que considerar o Estado apenas como a maior influência sobre a forma como a cidadania sexual se constitui, mas também outras influências poderosas como a religião” (Silva; Vieira, 2010, p. 321). Na historicidade humana que, conjuntamente, afetiva à Terra e perversa à Terra, encontra-se a sobrecarga da geograficidade atual em meio à globalidade agravante. Aproximar essas concepções contraditórias — positivas e negativas na axiologia do foder —, em tessitura de uma mesma amálgama, permite compreender a sexualidade nos processos do significado de humanidade no “caráter híbrido e fluido das subjetividades sexuais e do significado da sexualidade para a realidade socioespacial” (Silva, 2009, p. 4). Relacionar, pois, as imbricações entre o sexo e o desejo para com a complexidade geográfica do foder, atravessa um fenômeno comum à humanidade.

Dessarte, salienta-se compreender a geografia do foder de modo a aprofundar as questões sexuais em horizontes que abarcam tanto o foder positivo, perante a auscultação da Terra quanto o foder negativo, pela exploração da Terra. Por conseguinte, estima-se constituir o sentido territorial do foder através do Mundo em sua perversão da globalidade. Nisso, investigar-se-ão, de modo fenomenológico – enquanto metodologia de aporte da perscrutação do fenômeno *foder* em unipolaridade epistêmica em sua geograficidade –, a complexidade do corpo rente aos processos eróticos dos lugares e, sobretudo, a vinculação para com o poder defronte às fronteiras sexuais. Isso em uma discussão explícita dos territórios da sexualidade e das sexualidades dos territórios. Nesse caminho, espera-se que haja grande gozo no decorrer da temática do sexo e do desejo enquanto alicerces de uma geografia congruente à humanidade geoexistencial.

Terra fodida

Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”.

(Foucault, 1988, p. 16)

Em busca de constituir os enlaces correspondentes ao sexo (evento) e o foder (intenção) perante a geograficidade, instigar-se-á a cosmologia grega. Dessarte, abre-se à obra *Teogonia* escrita por Hesíodo (1995), poeta da Beócia no século VII a. C., enfatizando-se o relato sexual entre Gaia (Terra) e Urano (Céu). Nesse caminho, salienta-se: “Num universo ainda informe, prevalece a força fecundante do Céu, que, ávido de amor e com inesgotável desejo de cópula, frequenta como macho a Terra de amplo seio.” (Torrano, 1995, p. 44). Conforme a Terra e o Céu estavam unidos em cópula, geraram-se muitos filhos: seis Titãs, três Cíclopes, seis Titânides e, por fim, três Hecatonquiros. Ao Urano e à Gaia, o primeiro penetrador da segunda, alinha-se o foder geográfico em uma maestria poética. Isto posto, concerne-se que “o Céu fundamento-origem da lúcida e dominadora raça dos Deuses Olímpios é *thalerós*, fecundo, opulento de Vida e de sêmenes, ávido de cópulas.” (Torrano, 1995, p. 27). É contra o farto coito, configurador da práxis sexual, que Cronos, um dos titãs, castra o pai e, disso, afastam-se Céu e Terra. Por conseguinte, permeado por Cronos — o Tempo —, projeta-se a espacialidade dos desejos, advinda da voluptuosidade interrompida.

Com o momento de fim do deleite Céu-Terra, derroca-se o sexo em perpetuidade e alastra-se o sexo como desejo, ou seja, como vontade de foder. A castração é a interdição do ato, gerando a necessidade do ímpeto, do poder, para conseguir a consumação, espaço-temporal, da foda. Em relato versificado, orienta-se: “Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra / desejando amor sobrepairou e estendeu-se / a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão / esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice / longa e dentada. E do pai o pênis / ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo / para trás.” (Hesíodo, 1995, p. 93). E, assim, o filho vence o pai, uma resolutiva máxima do complexo edipiano. Adentra-se neste trabalho, somente, no sentido de formulação do sexo em desejo. Ademais, reivindicando tempos ainda mais longevos:

Antigamente, num ‘mundo’ ainda preso à natureza, ainda fortemente marcado pelas antigas privações, o medo dominava invisivelmente: medo da escassez, medo da doença, medo das forças ocultas, pânico diante da mulher e da criança, *medo diante da sexualidade*, e não apenas medo da morte, mas também dos mortos. Esses medos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

suscitavam mecanismos de defesa e proteção: encantamento, magia. (Lefebvre, 1991, p. 51, destaque nosso).

Os medos são concepções diferenciais através da espacialidade cultural do mundo, isso, com efeito, a partir da geodiversidade axiológica da constituição social para com a natureza. Estabelece-se, porém, um núcleo duro de medos, haja vista que “em todas as comunidades duradouras os valores sociais básicos são quase iguais. Entre os mais importantes estão o respeito pela vida, pela propriedade e pelas regras de conduta sexual” (Tuan, 2005, p. 170). Nesses horizontes, a territorialidade do sexo entra em questão, ao que as intenções sexuais, em sua diversidade de expressões possíveis, são elencadas: as possíveis permitidas e as possíveis reprimidas. A jurisdição da foda é geográfica: regida de modo diferente em cada unidade de identidade cultural. Urge, assim, a contraposição: “A crítica da vida cotidiana implica, pois, concepções e apreciações em escala de conjunto social” (Lefebvre, 1991, p. 37). O ser humano, enfático apreciador do sexo, intenciona suas fodas em lugares regidos por normas conjunturalmente aceitas: da cama dita de casal até eventos de *fandoms* sexuais. Do medo, provoca-se à marginalidade as condutas sociais dos destemidos.

Há, reiterando, a designação do foder positivo (ligado ao prazer) e a do foder negativo (ligado a dor). Nisso, está-se aqui rente ao pensamento de I. Kant (2009, p. 114) acerca dos juízos estéticos instaurados em uma psicologia transcendental, ao que em um princípio *a priori* “os emancipa da psicologia empírica, na qual de outro modo permaneceriam sepultados sob os sentimentos de prazer e dor (com a mera qualificação, que nada diz, de ser um sentimento mais delicado), para colocá-los, e por meio deles a faculdade de julgar”. Disso, é o foder tanto uma faculdade estética quanto uma faculdade política em sua abertura do juízo. Abrem-se o Prazer e a Dor na articulação dos desejos sexuais cujo ápice está rente ao seguinte conceito: “O gozo (pois tal é a palavra que designa o íntimo da satisfação)” (Kant, 2009, p. 51). A conduta territorial do prazer e da dor alicerça-se na configuração social conforme o regime político situado. Por mais, o território imputa a transcendentalidade moral da imanência do gozo.

Salienta-se, neste intercurso, a sexualidade dos territórios, seu sadismo e seu masoquismo entranhados na sociedade: permitindo e punindo, obedecendo e suplicando. O território fode com a população: ao foder de gozar com ela e, ademais, ao foder de contra-

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

gozar com ela. Desse rumo: “Poderíamos enfatizar as características foucaultianas de que o poder não é um objeto ou coisa, mas uma relação [...] Além disso, o poder é também ‘produtivo’, como no poder disciplinar estudado pelo autor em relação às prisões, às fabricas, à sexualidade etc.” (Haesbaert, 2019, p. 83-84). As relações de poder, entremeadas no cotidiano sociossexual, estabelecem as normativas do poder geográfico na práxis sexual. Há um arranjo espacial normativo e extra-normativo ao poder do poder estabelecendo a sexualidade do território por um território da sexualidade:

Quando pensamos nas regiões do sexo numa cidade, nos deparamos com um conjunto de elementos associados. Ruas calmas, e perpendiculares às avenidas, uma concentração de grupos heterogêneos de uma fauna particular de espécies noturnas de pessoas, assim como um conjunto de atividades vinculadas, como bares, hotéis, saunas, discotecas, terminais de ônibus. Nessa perspectiva o território do sexo forma uma articulação espacial através dos hotéis, motéis, bares e os estacionamentos isolados. (Villalobos, 1999, página única).

Disso, pensa-se em uma geograficidade exercida de modos lícito e ilícito, em uma dialética interpenetradora dos indivíduos em suas particularidades desejosas e dos coletivos em suas regras a serem promovidas em uma política de maiorias. Consoante ao território sexual, excerta-se a seguinte definição: “Neste caso, o controle ‘territorial’ visa principalmente a disciplinarização dos corpos, procedendo para isso a uma disposição ordenada no tempo e no espaço.” (Haesbaert, 2019, p. 151). Fodam-se os lugares a partir dos territórios! O corpo é docilizado por meio do contra-desejo, instituído por normativas e por regimentos, em um processo de subjetivação. Entre displicentes e disciplinadores conduz-se a uma geopolítica sexual: “Política do sexo: isso é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição.” (Foucault, 1988, p. 28). Depreende-se, portanto, que a discussão sobre o sexo é política. Isso porque confronta a diversidade existencial da humanidade em sua ontológica diversidade sexual defronte aos discursos sociais e aos ditames axiológicos da conduta sexual.

Consente-se, ao rumo da discussão do sexo enquanto evento — constituído pela ação do corpo autoerótico e/ou inter-erótico —, versarem-se duas modalidades de foda: transas e trepas. O poder positivo é compreendido pela transa e o poder negativo é compreendido pela trepa. Há quem deprecie a transa e enalteça a trepa (ainda que a transa prevaleça benévola), contudo, marca-se somente o dilema da foda: palavra designadora de uma mútua vantagem e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do poder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

desvantagem. Pois bem, transpassa-se na leitura geográfica que: “No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos” (Foucault, 1988, p. 10). Há lugares de transar e lugares de trepar, a espacialidade social organiza moralmente e materialmente tais arranjos configurados nos territórios do sexo.

Por conclusão, julgar-se devem o prazer e a dor ao nível territorial, assentando-se a jurisdição das regras e das normativas politicamente efetivas do p(f)oder. Alicerça-se que ao mundo dos Estados modernos, há uma linha de fuga a partir do geofoder como um “tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares” (Foucault, 1988, p. 47). Com isso, a conclusiva máxima do espaço social está a par de uma dinâmica complexa entre a maioria, politicamente dedutiva ao sexo, e a minoria, politicamente indutiva ao sexo. Esse confronto é marcado pela ditamização social, ao que prevalece a perversão territorial: “A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente” (Foucault, 1988, p. 47). E é isso, a política social é foda. O poder e o foder, em sonoridades próximas, assemelham-se também conforme a constituição de suas conotações territoriais: formam-se perversos e fetichistas, ou seja, projetam prazer e dor perante o Outro.

Abrir-se-á, ainda mais, a perspectiva da corporalidade defronte ao poder que fode e a foda que exerce poder. O poder territorial rege a sexualidade em suas efetivações, enquanto os corpos defrontam diretamente esse poder regulador. Ao mais, trata-se de uma maquinaria completa à compulsão moderna do corpo: “Os agenciamentos maquínicos de corpos são as máquinas sociais, as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos cósmicos.” (Haesbaert, 2019, p. 124). Desse modo, contemplam-se corpos configurados no ditame industrial, aos ritmos das máquinas, pela mecânica de movimentações de tempo e de espaço altamente delimitados. Encontra-se aqui: “*A besta humana* [famoso livro de Zola]: a máquina humanizada e o homem com suas necessidades animais; o homem atormentado pela máquina e a máquina que toma de empréstimo ao homem a vida parasitária” (Sartre, 2002, p. 280). É, pois, no devir da máquina que a sexualidade humana toma seu rumo mais rígido e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

conservador. O sexo para a reprodução humana: eis a lei da máquina e a do espaço: um espaço reproduzido por humanos para produzir a sua reprodução.

Atenta-se, a máquina fode a humanidade em seu poder de agenciar o modo do corpo exercer o sexo: isso pautado para toda a complexidade da sexualidade. Os corpos, pênis grandes e seios fartos, são estipulados por uma reprodução técnica, atualmente informacional, do ciberespaço. Isso ao que: “A forma social e a forma mental parecem dadas num ‘mundo’, assim como as formas da arte, da estética ou do estetismo, e assim como as formas ritualizadas das relações sociais” (Lefebvre, 1991, p. 52). Essa, porquanto, é a vida cotidiana no mundo contemporâneo, uma vida de formas reproduzidas, repetitivas em uma compulsão regrada por uma pornografia que ascende o ideal formal ao ideal funcional.

O meio informacional fode com a mentalidade em preparo da efetiva foda corporal regulamentada no agenciamento técnico da práxis sexual. Cada território promove uma sociedade sexualmente articulada por um padrão estético do sexo e constitui uma mentalidade global a partir de sua maior ou menor abertura para com o ciberespaço. Resvala-se pensar na pornografia que “a atitude dos indivíduos frente à pornografia são avaliações desse tipo de material, que servem como indicativos para o uso e percepção dos efeitos do uso no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos” (Baumel *et al*, 2019, p. 132). A trepa torna-se a representação da transa. Ainda, conduz-se ao pensamento maior de uma verdadeira geopornotopia constituída, em princípio, pela analogia da Playboy: “A *Playboy* é a cobertura de solteiro, o avião particular, o clube e seus quartos secretos, o jardim transformado em zoológico, o castelo secreto e o oásis urbano... A *Playboy* se transformaria na primeira pornotopia da era da comunicação de massas” (Preciado, 2020, p. 13). Verte-se a conduta sexual do território à territorialidade da internet pelo mundo da informação aos assíduos em sua estética. Disso, ocorre a transmutação dos lugares à territorialização sexual através da globalização — enquanto espiritualização empírica — informacional.

Desses prumos, chega-se à foda que acontece na Terra, paradoxalmente positiva e negativa, configurada nos territórios sexuais e nas territorialidades do sexo. Foda-se a geograficidade da conduta regrada e normativa ao que tange à sexualidade dos corpos! Isto é, escapar-se devem as sociedades das transcendências morais à formulação territorial do foder entre o prazer e a dor. A diretriz do espaço sexual abre-se em regionalidades estabelecidas por

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

acontecimentos em lugares de transas e em lugares de trepas. O sexo é um evento intencional à foda geográfica, situa-se espacialmente na política territorial do sexo. Nessa relação de diretrizes das intenções, transforma-se, o sexo, em um fato geográfico mediante o foder. Fode-se, para o bom e para o mau, praticando o bem e praticando o mal. Eis o todo do homem geográfico transvestido, um homem que é mulher, um homem que é não-binário, um homem que é gay, um homem que é hétero, um homem que é lésbica, um homem que é puta... ou só, um humano que é foda!

Mundo fodido

*Agora, como o homem, afinal, possui esse impulso por natureza, surge a pergunta: até que ponto alguém tem o direito de fazer uso de seu impulso sexual, sem degradar sua humanidade? Até que ponto uma pessoa pode permitir que outra pessoa do sexo oposto satisfaça sua inclinação por ela? Podem as pessoas venderem-se ou alugarem-se, ou por qualquer tipo de contrato, permitirem o uso de suas faculdades sexuais?*³

(Kant, 1997, p. 156-157)

Compreende-se que a práxis sexual admite uma configuração geográfica a partir de sua espacialidade. O modo de ser do corpo, aberto ao mundo, alia-se a uma irradiação espacial cerceada pela relação humana em sua constituição político-social. A pauta iluminista, conhecida também como *Aufklärung* (Esclarecimento), ganha destaque pela base conservadora de um modelo cristão de sexo rente à foda naturalizada com uma teleologia postulada: a reprodução humana. Ao rumo do imperativo categórico, instrui I. Kant (2005, p. 352): “O fim da natureza na coabitação dos sexos é a procriação, isto é, a conservação da espécie”. Esse temperamento da razão prática é orientador de uma compreensão transcendental do sexo aquém dos juízos de gosto. Foder essa visão, isto é, marcar as intenções das subjetividades através das múltiplas sexualidades, é o caminho a ser trilhado.

Em vista de compactuar com uma prospecção iluminista obscura, a saber, a visão da racionalidade sexual elevada à mais alta transgressão da natureza, funda a abordagem a ser seguida. Nesse caminho, concentra-se em dois autores: o francês Marquês de Sade (1740-

³ Tradução livre de de: “Now since man, after all, possesses this impulse by nature, the question arises: To what extent is anyone entitled to make use of their sexual impulse, without impairing their humanity? How far can a person allow another person of the opposite sex to satisfy his or her inclination upon them? Can people sell or hire themselves out, or by any kind of contract allow use to be made of their facultates sexuales?”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

1814) com seu livro maior *A filosofia na alcova, ou, os Preceptores imorais* (Sade, 1999), originando a expressão “sadismo” e, em conjunto, o austríaco Leopold von Sacher-Masoch (1839-1895) com seu livro primaz *A vênus das peles* (Sacher-Masoch, 2008), originando a expressão “masoquismo”. Ambos promovem literaturas sexuais propondo uma abertura sexual de experiência intensa no ínterim das subjetividades em suas proximidades para com seus desejos de foder exalados no grande pêndulo do prazer e da dor. Tece-se, nessa trama histórica, uma concepção contra-filosófica: “A libertinagem, na época em que triunfam as luzes, viveu uma existência obscura, traída e acuada, quase formulável antes de Sade ter escrito *Justine* e especialmente *Juliette* como formidável panfleto contra os ‘filósofos’ [...]” (Foucault, 1972, p. 101). É “foda” aqui a palavra que dá cabo de conjugar os sentimentos de extremidades justapostas em um mesmo sentido, um paradoxo irresolúvel a uma filosofia do esclarecimento, mas evidente em uma filosofia do obscurecimento.

Por outra entrada, pela concepção lefebvriana, tem-se a constituição de dois conceitos concernentes e conflitantes ditos por R. Haesbaert (2019, p. 95): “Logos e Eros (desejo) [...] ‘Logos’, vinculado à dominação, e as forças mais subjetivas do ‘Eros’, vinculado à apropriação.” O primeiro aproxima-se do sadismo que domina a ordem e o segundo, ao masoquismo que obedece à apropriação. Com mais detalhamento: “Enquanto o Logos ‘inventoria, classifica’, associando saber e poder, Eros ou ‘o grande desejo nietzschiano’ tenta superar as separações entre obra e produto, repetitivo e diferencial, necessidade e desejo” (Haesbaert, 2019, p. 95). Dito isso, prospecta-se a composição logo-erótica e ero-lógica na espacialidade sadomasoquista do foder geográfico. Ainda assim, confere-se pensar que “a apropriação prevalece sobre a dominação, pois o espaço *apropriado* por excelência, segundo Lefebvre, é ‘o espaço do prazer’ (*l’espace de la jouissance*).” (Haesbaert, 2019, p. 369, destaque do autor). Delimita-se pensar em um espaço do foder em que o prazer e a dor são cerceados por um predomínio masoquista, da apropriação.

Ao penetrar na geopolítica do foder, advoga-se que os desejos articulam o território sádico, tecido pelas maiorias (dominadoras) e o território masoquista, tecido pelas minorias (apropriadoras). Define-se, para tanto, o conceito: “maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

idades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 55). As minorias afastam-se da maioria, concentricamente, ao que o centro é o mais foda! Foda (negativa) porque deseja-se poder, entretanto foda (positiva) porque pode-se desejar. Constitui-se, por fim, a relação sadomasoquista entre a minoria e a maioria a partir de uma configuração geográfica sócio-histórica. Entre múltiplas escalas e transpassando múltiplas culturas, as maiorias e as minorias redefinem-se infinitamente, em um confronto dialetizado e dialetizante.

Há mais. Pelo paradoxo geográfico do foder, abre-se uma duplicidade de perversidades – sadista e masoquista – que, ao passo de G. Deleuze (2009, p. 21), são reversíveis malgrado opostas: “Sob todos os aspectos, veremos, o ‘professor’ sádico se opõe ao ‘educador’ masoquista”. Explicita-se: o sadismo é a imponência de um perante o outro, ao sentimento de preencher-se em detrimento do outro dominado. Outrossim, atenta-se: o masoquismo é a ditamização das regras gerais perante o outro, ou seja, ao sentimento de preencher-se na disponibilização de um contexto apropriado ao seu dispor íntegro e completo mediante um contrato. Nesse sentido, destaca-se que: “o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente europeia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia” (Freyre, 2004, p. 115). De modo ainda mais explícito, exemplifica-se com os dirigentes do Estado, que fodem as massas, todavia são as massas que dão poder aos governantes para fodê-las.

Perante as relações de sadismo territorial de maiorias e de masoquismo territorial de minorias, encontram-se, inclusive, no cotidiano dos lugares. Como uma casa: dizer que uma casa é foda permite-se orientar tanto para a luxúria (positiva) quanto para a depravação (negativa). Com efeito, contextualizada pela axiologia do território — legislador das casas —, delineiam-se as fronteiras da legalidade e da ilegalidade dentro da configuração espacial do foder. Cerceia-se, pois, o fenômeno de uma casa foda, isto é, marcada por uma constituição positivo-negativa, conforme aloja uma libido somente discernível a partir da experiência geográfica. Ao sentido do foder geográfico em uma casa, parte-se do dilema de perversões, convertido em um dilema entre a maioria aberta ao sadismo dominador e a minoria aberta ao masoquismo apropriador:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Há casas em que o elemento pessoal se retira quase completamente... o interessado tem excitações sexuais batendo em rapazes e moças, [...] faz incidir o sentimento de poder sobre pessoas determinadas, assistimos aqui a um sadismo pronunciado que se move, em grande parte, por desenhos geográficos ou matemáticos (Krafft-Ebing *apud* Deleuze, 2009, p. 22).

O sadismo e o masoquismo são, nesse contexto, modos de territorializações do poder em via de consumir os desejos libidinais do foder. As diferenças entre maioria e minoria, tão já, correspondem ao fluxo do poder em uma circularidade de preenchimento mútuo, paradoxal, já que designado pelo foder. O poder contra o sádico advém do masoquismo, assim como o poder contra o masoquista advém do sadismo. Nesse sentido, fundamenta-se a própria relação da historicidade genealógica do sadismo:

O Marquês de Sade – como foi mostrado por Simone de Beauvoir – viveu o declínio de um feudalismo, cujos privilégios eram contestados, um a um; seu famoso “sadismo” é uma tentativa cega para reafirmar seus direitos de guerreiro na violência, fundamentando-os na qualidade subjetiva de pessoa. Ora, essa tentativa já penetrada pelo subjetivismo burguês, os títulos objetivos de nobreza são substituídos por uma superioridade incontrolável do Ego. Desde a partida, seu impulso de violência é desviado. Mas quando ele pretende ir adiante, encontra-se perante a Ideia capital: a Ideia de Natureza. Ele pretende mostrar que a lei da Natureza é a lei do mais forte, que os massacres e as torturas limitam-se a reproduzir as destruições naturais etc. (Sartre, 2002, p. 91).

Dessa compreensão, salienta-se deprender a foda geográfica como modo de orientar o conflito entre o Humano e a Natureza e, por sua vez, entre a natureza humana e a natureza natural. É sexual o conflito territorial, ou melhor, são fodas as contradições perversas estabelecidas entre os dominantes e os dominados, os apropriadores e os apropriados. Disso, assenta-se: “O pensamento de Sade não é nem o de um aristocrata, nem o de um burguês: mas a experiência vivida de um nobre banido de sua classe que, para expressar-se, não encontrou nada além, dos conceitos dominantes da classe ascendente e que, ao servir-se deles, deformou-os” (Sartre, 2002, p. 93). Perpetra-se, nessas imbricações propositivas, um sentido rente ao humanismo sexológico ao que orienta a complexidade socioespacial da coexistência geográfica em termos sexuais.

Aprofundar-se-á, nesse trajeto, para a compreensão do conceito de perversão, aqui compreendido de modo a assentar o dilema entre sadismo e masoquismo, em sua ordenação da práxis sexual. Concernente a esse caminho, ao mundo projetado pela globalização, estabelece-se que: “a perversidade deixa de se manifestar por fatos isolados, atribuídos a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

distorções da personalidade, para se estabelecer como um sistema” (Santos, 2008, p. 29). O território, pois, é o ditador da regulação entre a maioria e a minoria através da política normativa social, mas encontra na foda global uma normatização globalizada do sexo. Dito isso, ao contexto contemporâneo, reafirma-se: “Esse sistema da perversidade inclui a morte da Política (com um P maiúsculo), já que a condução do processo político passa a ser atributo das grandes empresas” (Santos, 2008, p. 30). O mercado global, entre as multinacionais e as transnacionais, não configura limitações originadas nas regulações dos múltiplos territórios. Dessarte, o capitalismo global é genealógico de uma configuração desligada dos enraizamentos que, aos poucos, toma o controle das soberanias e, desse modo, a foda geográfica torna-se refém do mercado globalizado.

Firma-se a globalização perversa, em uma geografia do foder, como perversão global: perversão sadomasoquista dos territórios e, sobretudo, entre eles. No cúmulo, as empresas passam a gerir de modo desgovernado, atravessando os Estados, o sadismo e o masoquismo sociais. Então, impulsiona-se a ponto que: “o sistema da perversidade legitima a preeminência de uma ação hegemônica, mas sem responsabilidade, e a instalação sem contrapartida de uma ordem entrópica, com a produção ‘natural’ da desordem” (Santos, 2008, p. 30). O processo arremata-se por desterritorializações globais do controle mundial, reterritorializando (pelas multinacionais), ou não (pelas transnacionais), em novos centros de poder. Dissimula-se o mundo humano em uma perversidade global, em um contínuo arrefecimento do poder territorial, contido entre as fronteiras, sob a conduta sexual e, sobretudo, reconfigurando o sadomasoquismo social. Certamente, pode-se pensar em situações positivas e negativas perante a esse processo de perversão. Ao menos, encontra-se a adequação do foder geográfico enquanto conceito-chave para a configuração do mundo da atualidade, paradoxalmente em ordem e em desordem.

Há mais. Corresponde-se pensar não em um fim dos territórios, ao contrário, em um processo de multiterritorialidades (Haesbaert, 2019). Dessa tese, a perversão é guia para a compreensão do processo social — entre o território e o mercado — das subjetivações e explícita como é foda o mundo geográfico. Pode-se encontrar, inclusive, uma perspectiva literária brasileira da desterritorialização sexual configurado a partir de Mário de Andrade (1893-1945) com o livro intitulado *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (Andrade,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

2019). Constrói-se, por esse incurso, uma narrativa conflitante entre o território sexual e o desenraizamento do corpo, deslocando o sexo individual para o desejo socio-territorial:

Talvez por isso Macunaíma seja nosso romance mais emblemático, com suas metáforas carregadas de deboche. É a irônica metáfora do espaço-corpo nacional, decomposto pelo desenraizamento territorial do seu próprio corpo. [...] Macunaíma só se mexe quando se trata de “brincar” (fazer sexo) e descansar, num culto eterno à preguiça (Moreira, 2007, p. 151).

Confere-se, ainda, o processo de distensão entre o sadismo e o masoquismo, em concepção globalizante, doravante o modo em que a perversidade é intensificada. Os enraizamentos e os desenraizamentos estão coligados aos corpos, vinculados aos lugares, ditamizando as intenções deles pelos desejos geográficos. A expressão sexual é partícipe dos processos geográficos, a saber, a geograficidade é sexual em sua intencionalidade fodida e fodedora. Dessarte, ao conceito de raiz, aprofunda-se: “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. [...] O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (Weil, 1996, p. 411). Outrossim, o território (principal agente enraizador), em sua coligação à interobjetividade dos corpos, exerce seu poder em ditames competitivos para com a lógica do mercado (principal agente desenraizador), formulando o dilema território-mercado da intersubjetividade no processo de subjetivação do corpo-consciência.

É-se, portanto, através da multiterritorialidade, devido aos territórios estilhaçados pelas desterritorializações, o caminho da configuração da liberdade do exercício múltiplo das sexualidades. Ainda assim, predominam-se o território sádico e o território masoquista nas relações geopolíticas em múltiplas escalas. Definidos a partir do dilema entre as maiorias e as minorias, ou seja, entre dominações e apropriações; o qual é apreendido pelo território que enraíza pregando o regimento de conduta sexual e o mercado global que desenraíza configurando o sistema de perversidade da globalização. Diante de tudo isso, a concepção anarquista pode parecer atrativa na intenção da desterritorialização, tanto quanto o socialismo em reforço dos aparatos, com ênfase ao estatal, da territorialização. De um modo ou de outro, o Mundo é fodido de modos positivo e negativo, em guia do sadismo da maioria dominante e do masoquismo da minoria apropriante. Esse é o tratado da foda: a geograficidade das

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

existências sexuais exercendo sua intenção de foder um mundo e, no círculo espiralado — no olho do cu —, sendo fodida por ele.

Considerações finais

Adentro da geografia sexual, entalha-se a temática sexológica em sua geograficidade tecida tanto pela geografia do sexo, a partir da espacialidade do sexo (o evento sexual), quanto pela geografia do foder, a partir da espacialidade do foder (a intenção sexual). Nesse sentido, pauta-se a configuração ontológica do ser humano, diferenciando-se os fenômenos do sexo como ação e do foder como desejo. Ao enfoque da geografia do foder, goza-se com sua polissemia contida na foda, paradoxalmente positiva e negativa. Ademais, em proposição, atrelam-se o positivo com o prazer e o negativo com a dor, em constituição de juízos a serem abertos pelo espaço sexual. Desse modo, há uma fenomenologia do foder ao situar, em um único polo, a origem paradoxal do foder geográfico. Por mais, sexualiza-se a situação da humanidade para com a Terra e para com o Mundo: isto é, fode-se a Terra e fode-se o Mundo em uma geograficidade fodedora e fodida.

Para a concepção da foda geográfica, aprofunda-se na literatura hesiódica, constituída por uma cosmologia sexual. Nessa narrativa greco-clássica, primordialmente, coligam-se, mutuamente, a Terra (Gaia) e o Céu (Urano) conforme uma cópula farta. Outrossim, o Tempo (Cronos) entremete-se, em uma convocação espacial, e efetua a castração do pai. Nisso, percebe-se um sentido de desejo estabelecido pela cópula latente da ligação terrena-mundana. Esse desejo sexual, porquanto, acomete toda a natureza natural e humana. Assim, afirma-se mais uma vez: o homem é um animal que fode (*homo futuere*). Dos discursos sobre o sexo, marcam-se dois: por um lado, prisma-se a luminosidade kantiana em um conservadorismo sexual dedicado à reprodução e por outro, prisma-se a obscuridade de Marquês de Sade (pelo sadismo) e de Sacher-Masoch (pelo masoquismo). Ambos os lados construindo, pelo racionalismo, o sentido da lascívia humana. Contudo, o território impõe-se em regulações da conduta sexual mediante as normativas sociais. Prossegue-se, então, adentrar-se no âmago humano em abertura tenra da geograficidade sexual por seu lado obscuro, contra a filosofia iluminista, em sua dinâmica socioespacial.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Em abertura da sexologia geográfica, visa-se o espaço sexual em uma concepção axiológica do território do sexo. Seguem-se, para tanto, o território sádico e o território masoquista, isso ao que o sadismo se define pelo sentimento de preenchimento perante a dominação do outro e o masoquismo, de preenchimento perante a disponibilização íntegra pela apropriação do contrato concedido ao outro. Há, pois, uma concepção dialética e não reversível dos modos de se foder. Em múltiplas escalas, a perversão é corrente na humanidade, fundamentada pelo dilema entre as majorias (dominadoras), abrindo-se o sadismo social e as minorias (apropriadoras), abrindo-se o masoquismo social. Coadunam-se, então, os territórios com a práxis sexual no reduto sócio-histórico. Da perversão social ao processo de globalização perversa, visam-se os territórios das sexualidades como abertura para as sexualidades dos territórios.

Por mais, perscruta-se a foda global mediante a perversidade sistêmica constituindo o cotidiano socioespacial. Disso, assevera-se o processo de subjetivação, fundamentado pelo dilema entre o território (enraizador) e o mercado global (desenraizador), haja vista a axiologia complexificar-se em conjunto à ordenação e à desordenação da conduta sexual. Desse sentido, globalizam-se as normativas do foder geográfico pelo deturpamento da práxis sexual. Maquiniza-se o sexo rente à própria maquinização do homem: sobretudo através do cotidiano pornográfico do ciberespaço. Tece-se uma verdadeira geopornotopia, na ilusão global em um alienante foder geográfico. Consoante a liberdade territorial que se defronta à putaria mundana, apela-se para uma multiterritorialidade do sexo e, sobretudo, uma transterritorialidade das sexualidades. Isso, ao intento de foder o poder para poder foder.

Complexificar-se devem as aberturas construídas, haja vista a temática sexual ser escassamente abordada geograficamente. O estudo socioespacial exige tal asserção. Através da ratificação acadêmica de palavras “tabu”, tão correntes no cotidiano humano, busca-se tornar a discussão mais convidativa. Aqui, agradeço esse trabalho ao funk — de sabedoria infinda sobre o sexo e seus dilemas — e dedico a todas as pessoas de “boca-suja” pela amplitude do vocabulário existencial. Afinal, as palavras, quaisquer que sejam, nunca serão baixarias, porque são somente multiplicidades. O foder é um fenômeno rente à geografia e, por sua vez, a geografia é foda! Foda como uma transa de modo positivo e foda como uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024.

Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

trepa de modo negativo. Dessarte, espera-se que este trabalho seja tão rigoroso quanto solícito à obstrução da censura de se tematizar a foda geográfica.

Referências

ANDRADE, C. **O Amor Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, M. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Chapecó: Ed. UFFS, 2019.

BAUMEL, C. P. C. *et al.* Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 24, n. 1, p. 131-144, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/Jpt5TYJSjkDbV5ckSDyvvhG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jan. 2024.

BELL, D. *Fucking Geography, Again*. In: BROWNE, K; LIM, J; BROWN, G. **Geographies of sexualities: theory, practices and politics**. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited, p. 81-88, 2009.

DARDEL, E. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Ed. 34, v. 2, 1995.

DELEUZE, G. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRÉMONT, A. **La Région espace vécu**. Manchecourt: Flammarion, 2001.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

KANT, I. **A Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

KANT, I. **Crítica da faculdade de julgar**. São Paulo: Ícone, 2009.

KANT, I. **Lectures on Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do foder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024. Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEHMANN, C. Critic's picks current pick. **Tom of Finland**, Online, página única, 2 jul. 2015. Disponível em: <https://www.tomoffinland.org/tom-of-finland-through-23-august-new-york/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

LOPES, J. N. D. Topofilia e topofobia: entre a geopsicologia e a psicogeografia. **Geoconexões**, v. 1, n. 15, p. 212-230, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/14702/3746>. Acesso em: 8 jan. 2024.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos: como filosofar a marteladas**. São Paulo: Lafonte, 2020.

PRECIADO, P. **Pornotopia: Playboy e a inversão da sexualidade multimídia**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

SACHER-MASOCH, L. **A vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2008.

SADE, M. **A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008

SANTOS, M; SILVEIRA, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SARTRE, J. **Crítica da razão dialética: precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, J. Geografia, Gênero e sexualidades: desafiando as práticas investigativas. *In: 12ª Encontro de geógrafos de América Latina, 2009*, Montevideo. 12ª Encontro de geógrafos de América Latina – Caminando en una América Latina en transformación. Montevideu, v. 1. p. 1-15, 2009.

SILVA, J. M.; VIEIRA, P. J. “Fucking” geografia: entrevista com David Bell. **Revista latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n. 2, p. 318-325, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1825/1382>. Acesso em: 8 jan. 2024.

TORRANO, J. O Mundo como Função de Musas. *In: HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses*. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, p. 8-84, 1995.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

VILLALOBOS, J. U. G. Geografia e sexo: os discursos e práticas no território brasileiro. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 45, v. 53,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do poder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024. Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

página única, 1999. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn-45-53.htm>. Acesso em: 8 jan. 2024.

VILLELA, W. V.; MONTEIRO, S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 531-540, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/Py8SSXTxrh5pN3GSbBF3Dzs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jan. 2024.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WRIGHT, J. *Terrae Incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12896/pdf>. Acesso em: 8 jan. 2024.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Espaço Sexual: uma geografia do poder. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112412, 2024. Submissão em: 15/11/2023. Aceito em: 29/04/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons